



ARTIGOS
DOCTRINÁRIOS
ESPÍRITAS

Artigos Espíritas

Automatismo da escrita psicográfica

Extraídos da obra

Gabriel Delanne - Pesquisas sobre mediunidade

Entre as numerosas manifestações espíritas, uma das mais convincentes para quem delas é objeto é, incontestavelmente, a escrita mecânica, também chamada automática. Sentir seu braço agitado por movimentos involuntários, ver a própria mão escrever sob a influência de uma vontade que não é a sua, traçar sem interrupção páginas inteiras, cujo sentido se ignora, é um fato bem apropriado para levar a crer que se está sob a influência de uma força estranha com a qual se deseja travar o mais amplo conhecimento. Não se chega a esse resultado instantaneamente; às vezes são necessárias numerosas tentativas antes de conseguir escrever fluentemente. Eis um relato instrutivo que descreve fielmente as fases pelas quais geralmente se passa. Deve-se ao dr. Cyriax, diretor do *Spiritualistische Blaelter*. (3)

(3) Ver Gardy, Chercbons, p. 164.

O autor conta que, querendo proteger-se de qualquer fraude, tinha resolvido estudar em família as mesas girantes. Manteve vinte sessões sem obter resultados, e estava a ponto de abandonar sua investigação quando, na vigésima primeira vez, constatou alguns movimentos.

Passemos-lhe a palavra:

Nessa vigésima primeira sessão, inesperadamente tive uma sensação muito particular, ora de calor, ora de frio; em seguida percebi uma espécie de corrente de ar frio passando-me no rosto e nas mãos, depois pareceu-me que meu braço esquerdo ficava dormente; mas a impressão era bem diferente da de fadiga que eu havia tido nas outras sessões, e que podia fazê-la passar, seja mudando o braço de posição, seja movendo-o, bem como a mão ou os dedos.

No momento, meu braço estava por assim dizer paralisado, e minha vontade era incapaz de fazê-lo mexer-se, assim como os dedos; a seguir tive a sensação de que alguém punha meu braço em movimento e, fosse qual fosse a rapidez com que ele se agitava, não conseguia detê-lo.

Como esses movimentos tinham alguma analogia com os que fazemos para escrever, minha mulher foi procurar papel e um lápis, que pôs sobre a mesa. De repente minha mão apanha o lápis e, durante alguns minutos, traço caracteres no ar com uma rapidez incrível, de modo que meus dois vizinhos eram obrigados a jogar-se para trás para não serem atingidos, e após o que minha mão cai bruscamente sobre o papel, risca-o violentamente e quebra a ponta do lápis. Agora, minha mão repousava sobre a mesa, eu compreendia perfeitamente que minha vontade estivera completamente alheia aos movimentos que eu acabara de executar, assim como estava alheia na fase atual de repouso. O fato é que eu não tinha conseguido parar meus gestos e que agora, tampouco, podia movimentar o braço, que continuava insensível e como se não me pertencesse mais.

Mas, quando o lápis, novamente apontado, foi recolocado ao meu alcance, minha mão pegou-o e começou a estragar várias folhas de papel, cobrindo-as com grandes traços e rasgões; depois acalmou-se e, para nosso grande espanto, pôs-se a fazer exercícios de escrita iguais aos que se manda crianças fazerem: primeiro, traços, pernas de letras, depois N, M, A, C. etc., finalmente o O, sobre o qual me demorei até que a força que animava meu braço conseguiu fazê-lo mover-se em círculo, sempre o mesmo, com grande rapidez. Depois disso, a força parecendo esgotada, a agitação do meu braço cessou. Senti uma nova corrente de ar frio passando outra vez através da minha mão e sobre ela, e logo toda cansaço e toda dor haviam desaparecido.

Embora o dr. Cyriax residisse na América no momento em que fazia suas primeiras tentativas, sua descrição é bem semelhante à que Allan Kardec faz a respeito do início da escrita mecânica. Eis, com efeito, o que diz o grande iniciador (4):

(4) Kardec, Allan, O Livro dos Médiuns, cap. XVII, n° 210.

O primeiro indício de uma disposição para escrever é uma espécie de vibração no braço e na mão; pouco a pouco a mão é arrebatada por um impulso que não consegue dominar. Às vezes, ela só traça inicialmente riscos insignificantes; depois, as letras se desenham cada vez mais nitidamente, e a escrita acaba adquirindo a rapidez da escrita corrente. Em todos os casos, deve-se abandonar a mão ao seu movimento natural, e não acrescentar-lhe resistência, nem propulsão. Alguns médiuns escrevem fluentemente e com facilidade desde o início, às vezes até mesmo desde a primeira sessão, o que é muito raro; outros ficam durante bastante tempo fazendo traços e verdadeiros exercícios de caligrafia...

Eugène Nus também conta como a mediunidade da escrita se desenvolveu no seu amigo Brunier: (5)

(5) Nus, Eugène, Choses de l'autre Monde, p. 123.

Brunier tornou-se mais tarde o que, na linguagem espírita, se chama médium escrevente. Vimos nascer e desenvolver-se nele essa faculdade automática; ele pegava um lápis e deixava correr a mão, que começava por traçar linhas informes. Pouco a pouco, conseguiu formar caracteres quase nítidos e, por fim, escrever correntemente...

Quando pegava um lápis para entregar-se a esses exercícios, sua mão se transformava numa verdadeira máquina, com movimentos nervosos, espasmódicos, rápidos, principalmente rápidos.

Lembro-me daquele lápis às vezes fazendo perguntas a um de nós e, quando a resposta não vinha rápido como o pensamento, agitando-se com impaciência, arranhando convulsivamente o papel, que enchia de pontinhos, e escrevendo com força:

— Ora, Nus, responda... responda Meray, estou ficando aborrecido...

Recentemente encontrei entre velhos papéis calcados por seu lápis várias páginas assim escritas, sem que seu espírito tivesse consciência, e que, após tê-las riscado, lia com tanta curiosidade quanto nós.

Acabamos de constatar que esse também era o caso do dr. Cyriax.

Passemos-lhe a palavra:

Tendo-se restabelecido a calma, encerramos a sessão, felizes por termos constatado a manifestação de uma força independente da nossa própria vontade, a que nos era impossível resistir; quer fosse magnética ou espírita, ou proviesse da atividade inconsciente do cérebro, era uma questão reservada até nova ordem."

Vemos, por essa última frase, que o observador estava a par das teorias que explicam a escrita automática pela subconsciência, que chama de atividade inconsciente do cérebro; veremos agora como adquiriu a convicção de que a influência e o dirigia era-lhe completamente alheia:

Por mais insignificante que tenha sido o resultado obtido, não ficamos tranqüilos antes de ter tentado outras experiências. No dia seguinte, à noite voltamos ao trabalho e dessa vez a espera não foi longa. Mal haviam decorrido cinco minutos e já sentia o ar frio, e a mesma sensação era experimentada por meus colegas; depois sobrevieram-me movimentos bruscos e às vezes muito dolorosos na mão esquerda, que de quando em quando batia durante vários minutos seguidos na borda da mesa, com pancadas desferidas com tal violência que eu achava que devia estar esfolada; para minha surpresa, mais tarde não descobri o menor ferimento, e todo vestígio de dor desapareceu como por encanto.

A partir daquele dia, minha mediunidade desenvolveu-se rapidamente. Comecei a escrever com a mão esquerda, inicialmente como exercício; depois vieram comunicações de diferentes espíritos, e uma noite desenhei uma cestinha de flores. Devo dizer que no estado normal sou muito desajeitado com a mão esquerda, não conseguindo usá-la para comer, muito menos para escrever; quanto ao desenho, minha habilidade é pouca, mesmo com a mão direita.

Agora eu tinha adquirido a mais completa certeza de que a força que escrevia e desenhava por meu intermédio era independente de mim, e que devia residir em outra inteligência que não a minha, porque, durante as manifestações, eu conservava toda a minha lucidez; não sentia qualquer inconveniente, salvo no que concerne ao meu braço esquerdo que, durante toda a sessão, parecia não me pertencer e dava-me a impressão de estar sendo utilizado por alguém, sem que eu o soubesse e contra a minha vontade. Meu espírito tinha tão pouco a ver com isso que, enquanto minha

mão escrevia, eu podia conversar à vontade com as outras pessoas do círculo. Um colega que um dia assistia à sessão, querendo deter o movimento da minha mão e tendo, para tanto, colocado as suas mãos de modo a apoiar sobre a minha todo o peso do seu corpo, definitivamente nada conseguiu; minha mão continuou seu trabalho com força e regularidade, ao passo que eu mal percebia o peso das mãos apoiadas na minha.

Vemos por esse relato que o dr. Cyriax, segundo suas próprias palavras, havia adquirido a mais completa certeza de que a força que escrevia e desenhava por seu intermédio era-lhe absolutamente estranha. O automatismo do braço e da mão, o desconhecimento da idéia que se inscrevia no papel, parecem-lhe uma prova irrefutável da intervenção de outra inteligência que não a sua. **Fim**